

# MATERNIDADE: UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL ALÉM DO DESEJO

Stephany Caroliny dos Santos COLARES<sup>1</sup>

Ruimarisa Pena Monteiro MARTINS<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Graduanda em Psicologia. [stephanycolares@hotmail.com](mailto:stephanycolares@hotmail.com)

<sup>2</sup>Mestre em Psicologia. [ruimarisa.martins@estacio.br](mailto:ruimarisa.martins@estacio.br)

## RESUMO

Os comportamentos maternos configuram-se de formas diversas, acompanhados pelas mudanças ideológicas de cada época. O presente trabalho tem como objetivo discorrer sobre a construção da representação social da maternidade como um instinto inato a todas as mulheres. Pensamento este que na atualidade já não compete a todas as mulheres, algumas adiando essa decisão pelo não desejo da maternidade ou mesmo pela sua inserção ao mercado de trabalho, não recebendo estigmas ou rotulações por não apresentar necessariamente o desejo pela maternidade. Para tanto a metodologia escolhida será de cunho qualitativo, com base na revisão bibliográfica, tendo como referencial principal para compor o corpo teórico a Filósofa Elisabeth Badinter e seu livro *O mito do amor materno* (1985). Os materiais serão teses, dissertações, livros, artigos disponíveis em bases científicas. Espera-se com este artigo levantar questionamentos sobre os sentidos da maternidade acompanhados do amor e do cuidado não sendo ideais para todas as mulheres na atualidade, levando-se em conta a sua subjetividade e seus desejos pessoais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Maternidade. Mito. Representação Social. Idealização. Desejo.

## ABSTRACT

The Maternal behaviors are configured in various forms, accompanied by ideological changes from each period. The present work aims to discuss the construction of the social representation of motherhood as an innate instinct to all women. This thought that today is no longer the responsibility of all women, some women are putting off this decision by no desire of motherhood or even for their insertion in the labor market, not getting stigmas for not necessarily present the desire for motherhood. Therefore the chosen methodology will be of qualitative nature, based on the literature review, having as main referential the philosopher Elisabeth Badinter and her book *The myth of maternal love* (1985). The materials will be theses, dissertations, books, articles available on a scientific basis. It is hoped with that article raising questions about the senses of maternity accompanied by the love and care not being ideal for all women today, taking into account their subjectivity and personal desires.

**KEYWORDS:** Motherhood. Myth. Social Representation. Idealization. Desire.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema: *Maternidade: uma construção social além do desejo*, e tem como objetivo discorrer sobre a ideia de maternidade como algo instintivo a todas as mulheres, enquanto uma visão social que já não se aplica a mulher atual. Para tal será realizada uma pesquisa bibliográfica de cunho exploratório para a construção do conteúdo teórico com base referencial no livro *O mito do amor materno*, de Elisabeth

Badinter (1985). Para a elaboração deste artigo, será necessário resgatar os principais teóricos que falam sobre a construção da representação da maternidade assim como discorrer sobre a mulher no cenário atual da sociedade, onde a maternidade não é um determinismo e está sendo cada vez mais repensada pelas novas configurações.

Logo, o interesse em pesquisar sobre o tema surgiu da curiosidade em entender o que leva a sociedade a compreender a mulher

como um corpo fielmente biológico à procriação, o que por sua vez aquelas que não se encaixam nesse ideal de mulher/mãe acabam por receber um estigma, um preconceito ao “negar a sua condição”, como afirma os estudos de Gillespie (2003), que corroboram a ideia de que as mulheres que voluntariamente não têm filhos sofrem algum tipo de preconceito e são consideradas socialmente desviantes.

Segundo estes autores, o fato de a maternidade ser socialmente concebida como algo natural e altamente desejável, faz com que as mulheres que decidem não ter filhos, ou que tenham dificuldades em decidir se terão filhos ou não, sejam geralmente descritas como mulheres anormais, tendo algum tipo de problema psicológico. A mulher teria assumido formas submissas, baseadas nos moldes de cada época. Formas essas transformadas em papéis que muitas vezes não representam ou significam suas próprias vontades.

O caráter objetivo da sociedade tendia a simplificar e a naturalizar os fenômenos humanos, que muitas vezes pautasse com práticas excludentes. Existem questões que atravessam o desejo da mulher em ser mãe. Reduzir a experiência da maternidade a questões orgânicas é desconsiderar o sujeito e toda complexidade que o acompanha.

Desta forma busca-se com essa pesquisa responder o seguinte

questionamento: A maternidade como instinto é uma construção social?

## **A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA MATERNIDADE**

Chodorow (1990), historicamente, o valor dado ao relacionamento mãe-criança nem sempre foi o mesmo, as variações que as concepções e práticas relacionadas à maternagem são produzidas por uma série de agenciamentos sociais, dentre os quais os discursos e práticas científicas assumem um importante papel. Alguns autores apontam para o fato de que essa dedicação da mulher ao papel materno deve-se muito mais a uma transposição social e cultural das suas capacidades de dar à luz e amamentar.

As representações sociais da maternidade possibilitam às mulheres a entenderem aquilo que são e devem fazer enquanto mães, por meio de diferentes discursos circulantes na sociedade. Falar na não-maternidade é falar a partir de um lugar de negação de outra identidade, de uma identidade que não se é – mãe – mas que fornece condições para que ela exista (WOODWARD, 2000).

Os significados da maternidade associados ao amor e ao cuidado passaram a afirmar referenciais de valores considerados ideais. Discursos culturais, durante séculos, recrutaram mulheres a se identificarem com eles, tornando-os como verdades e constituindo suas identidades femininas.

Dentro desse contexto a partir do século XIX, a mulher passa a ser exaltada e reconhecida, adquire maior valorização social passando a ser responsável pelo lar e pela criação dos novos cidadãos (MOURA, 2004).

A maternidade passa a ser concebida como uma das escolhas disponíveis à constituição feminina que faz parte dos propósitos individuais que a mulher desenvolve para si, uma opção que emerge associada a outros projetos pessoais, vinculados à realização profissional, a independência econômica e ao livre exercício da sexualidade (BAPTISTA, 1995).

Dessa forma, a mulher recebe a conotação de sempre servir a sociedade, uma produtora biológica que não teria voz, que não existiria como um ser individual, anulando-se o desejo, anulando-se o sujeito.

## **O MITO DO AMOR MATERNO**

Badinter (1985), afirma que o amor materno é apenas um sentimento humano como outro qualquer e como tal incerto, frágil e imperfeito. Pode existir ou não, pode aparecer e desaparecer, mostrar-se forte ou frágil. Contrariando a crença generalizada, ele não está profundamente inscrito na natureza feminina. Observando-se a evolução das atitudes maternas, verifica-se que o interesse e a dedicação à criança não existiram em todas as épocas e em todos os meios sociais. As diferentes maneiras de expressar o amor vão

do mais ao menos, passando pelo nada, ou quase nada.

Dessa maneira, como todos os sentimentos humanos, ele varia de acordo com as flutuações sócio econômicas da história, de acordo com o desejo subjetivo de cada mulher (BADINTER, 1985).

A cultura não passa de um epifenômeno. Aos seus olhos, a maternidade e o amor que a acompanha estariam inscritos desde toda a eternidade na natureza feminina. Como afirma Badinter (1985), desse ponto de vista, a mulher é feita para ser mãe, e mais, uma boa mãe. Toda exceção à norma será necessariamente analisada em termos de exceções patológicas. A mãe indiferente é um desafio lançado à natureza, a anormal por excelência.

De uma maneira geral, tende-se a pensar no amor materno como algo instintivo, como uma tendência inata das mulheres. Contudo, as atitudes maternas, bem como o papel de mãe, têm se modificado com o decorrer de nossa história, o que pode nos levar a pensar a maternidade como um comportamento social, que se ajusta a um determinado contexto sócio histórico (BADINTER, 1985).

Elisabeth Badinter (1985), afirma que o instinto materno é um mito, não havendo uma conduta materna universal e necessária. Contestar esta (in)existência, é questionar sobre nossa própria condição humana. O amor materno é produto de nossa sociedade.

## A MULHER NA ATUALIDADE

Pensar a maternidade na contemporaneidade implica pensar também as características de nossa época. Respira-se o ar obscuro e confuso daquilo que se convencionou chamar “pós-modernidade”. Tudo é rápido, prático, líquido. Vive-se a era da exposição, da divulgação profusa de seios, pernas, corpos, da hipersexualidade que se enviesa nas mais diferentes formas. Nesse contexto, a mulher se ressignifica em meio ao pano de fundo das contínuas transformações que têm configurado historicamente sobre seu papel na sociedade. Com o advento da Revolução Sexual a mulher se olha sob um novo espelho, cria novas estratégias de si, assume outros papéis, tem outros questionamentos e também outros desejos, como afirma as autoras (AGUIAR, SILVERA, DOURADO, 2011).

Como afirma Abranches (1990), parece estar acontecendo uma inter-relação de fatores, levando a uma transformação do papel feminino. O que se observará, a partir de um retrospecto da situação da mulher-mãe na sociedade, é que, de geração para geração, vem sendo concebido um número cada vez menor de filhos, chegando-se, atualmente, ao questionamento sobre tê-los ou não. A mulher, antes esposa e mãe, agora tem uma participação e uma importância social que independem destes atributos. E, o que é principal, ela tem nas mãos a possibilidade de optar quanto a ser mãe. Sua vida sexual pode

acontecer livremente, sem o fantasma de uma gravidez indesejada.

Segundo Badinter (2011), até a década de 1970, casar-se e ter filhos era parte do curso “natural” das coisas. Todavia, quando as mulheres passaram a controlar sua própria fecundidade e começaram a protagonizar suas trajetórias reprodutivas de tal forma que ter filhos não fazia mais parte do *script*, a maternidade tornou-se uma decisão para a maioria delas. A mesma autora afirma ainda que, depois que as mulheres passaram a controlar sua fecundidade, quatro fenômenos foram observados nos países ditos desenvolvidos: um declínio da fertilidade, um aumento na idade média com que as mulheres decidiam ter filhos, uma argumentação das mulheres em prol do trabalho fora de casa e da diversificação dos modos de vida femininos e o aparecimento de um novo modelo de casal sem filhos, ou da mulher solteira sem filhos. Portanto, tornar-se mãe deixou de ser uma questão de negócios ou de destino, de forma que a maneira com que as mulheres percebiam a maternidade mudou, tendo em vista que novos significados acerca do que é ser mãe emergiram. (CHAVES, 2011).

Em nossa sociedade o ofício da maternidade sempre foi considerado um aspecto “natural” da identidade feminina, afirmando também que as mulheres que escolhem não ter filhos são vistas como desviantes na cultura ocidental.

Entretanto, esta escolha por não querer viver a maternidade é ainda entendida, muitas vezes, como uma anormalidade, pois não está dentro dos padrões tradicionais da sociedade, sendo vista como patologia, falta de saúde, egoísmo, falta de dever físico para repor a população (RIOS; GOMES, 2009).

As últimas décadas do século XX foram marcadas por alterações nos valores, práticas e papéis sociais desempenhados pelos indivíduos. Dentre as mudanças mais significativas estão as que ocorreram em relação à mulher nas últimas décadas e que transformaram o seu papel e sua posição na sociedade (BIASOLI-ALVES 2000)

Como afirma os estudos de Patias e Buaes (2012), a crescente presença de mulheres no mercado de trabalho, aponta para a possibilidade de muitas estarem deixando para ter filhos depois de se estabilizarem financeiramente, focadas em solidificar a carreira, obter sucesso profissional, para depois pensar em engravidar. Evidencia-se um novo movimento onde muitas mulheres estão em busca de autonomia e independência profissional e financeira e, por consequência, adiando ou rejeitando os desafios da maternidade.

Atualmente, o adiamento da maternidade tornou-se um fato comum entre aquelas com uma carreira profissional. Existe uma coincidência entre os melhores anos na vida da mulher para a construção e consolidação de uma carreira e os melhores

anos para que ela tenha filhos. As mulheres engajadas em sua ascensão profissional muitas vezes não querem interrompê-la em prol da maternidade, pois a carreira – assim como os cuidados envolvidos na criação de um filho, especialmente em seus primeiros anos de vida – exige uma dedicação quase que integral. A maternidade, desta forma, acaba por ser postergada. Assim, ao mesmo tempo que há um incentivo à profissionalização da mulher e uma cobrança por parte dos pais e da sociedade para que as meninas estudem e invistam em uma carreira profissional, permanece a expectativa de que um dia elas venham a cumprir seu “principal” papel, o de mãe (BARBOSA E COUTINHO, 2007).

Percebe-se uma necessidade de ressignificação da mulher na contemporaneidade, fazendo-se cada vez mais necessária a priorização de projetos pessoais para o seu crescimento individual, que vão além do desejo pela maternidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente artigo buscou discorrer sobre a representação social da maternidade como um determinismo, inato e inerente a todas as mulheres onde aquelas que não se enquadrasse a essa norma, tanto por um desejo pessoal, como por um fator biológico seriam taxadas como não mulheres ou mulheres sem feminilidade. E com as ressignificações da mulher na sociedade essas representações devem ser questionadas por

precisarmos levar em conta a subjetividade da mulher como um Ser desejante, que precisa ser olhada através de sua individualidade.

## REFERÊNCIAS

- ABRANCHES, M, R, J. **Maternidade: sim ou não? Por quê?**. Instituto Superior de Estudos e Pesquisas. Dissertação de Mestrado, Centro de Pós-graduação de Psicologia, Instituto Superior de Estudos e Pesquisas, FGV, Rio de Janeiro, 1990.
- AGUIAR, D, T, SILVERA L, C, DOURADO S, M, N. **A mãe em sofrimento psíquico: objeto da ciência ou sujeito da clínica?**. Esc Anna Nery (impr.)2011 jul-set; 15 (3):622-628.
- BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985
- BADINTER, E. **O conflito: a mulher e a mãe**. Rio de Janeiro, Record, 2011.
- BAPTISTA, S, M, S. **Maternidade e Profissão: oportunidades de desenvolvimento**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1995.
- BARBOSA, P, Z, COUTINHO, M, L, R. **Maternidade: novas possibilidades, antigas visões**. Rio de Janeiro, 2007.
- BIASOLI, A. **Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX**. Psicologia:Teoria e Pesquisa, 2000.
- CHAVES, S, S. **Significados de maternidade para mulheres que nãoquerem ter filhos**. Salvador, 2011.
- CHODOROW, N. **Psicanálise da Maternidade: Uma Crítica a Freud a Partir da Mulher**. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1990.
- FIDELIS, Q, D; MOSMANN, P, C. **A não maternidade na contemporaneidade: um estudo com mulheres sem filhos acima dos 45 anos**.Revista Aletheia, Canoas, v.45, 2013.
- GILLESPIE, R. **When no means no: Disbelief, disregard and deviance as discourses of voluntary childlessness**, Women's Studies International Forum, 2003.
- MOURA, S, M, S, R; ARAÚJO, M, F. **Maternidade na história dos cuidados maternos**. Psicologia: Ciência e Profissão, 2004.
- PATIAS, D, N; BUAES, S. C. **Tem que ser uma escolha da mulher: Representação da maternidade em mulheres não-mães por opção**, 2012.
- RIOS, K, G; GOMES, I, C. **Casamento Contemporâneo: revisão de literatura acerca da opção por não ter filhos**. Estudos de Psicologia, Campinas, 2009.
- WOORWARD, K. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**, Petrópolis, 2000.
- ZULATO, B, P; ROCHA, C, M. L. **Ser mulher hoje: a visão de mulheres que não desejam ter filhos**, Psicologia & Sociedade, 2012